



PERIÓDICUS

ISSN: 2358-0844

n. 20, v. 3
out-dez.2024
p. 272-283

Inventando o trabalho sexual¹

(*Inventing sex work*)

(*La invención del trabajo sexual*)

Carol Leigh, vulgo Scarlot Harlot²

RESUMO: A presente contribuição é uma tradução ao português brasileiro do ensaio “Inventing sex work” (1997) da ativista estadunidense Carol Leigh/Scarlot Harlot, composta a partir de sua versão em inglês e da tradução ao castelhano, “La invención del trabajo sexual” (2016), realizada por Cecília Varela (CONICET/UBA) e Santiago Morcillo (CONICET/UNSJ). No texto, Harlot relata em primeira pessoa seu processo de formação como militante feminista nas décadas de 1970 e 1980 em diversas agrupações, notando a estigmatização com a qual as prostitutas eram tratadas nesses espaços. Essa inquietude, somada às suas próprias experiências como prostituta e à necessidade de encontrar novas maneiras de nomear a atividade laboral, a levou a cunhar, em suas intervenções feministas, os termos “trabalho sexual”, “trabalhadora do sexo” e “indústria do trabalho sexual”. Recupera-se esse ensaio de grande importância para as lutas contemporâneas das trabalhadoras do sexo, além de se discutir em nota alguns aspectos do processo de tradução.

PALAVRAS-CHAVE: Scarlot Harlot; trabalho sexual; prostituição; putafeminismo; tradução feminista.

Abstract: This contribution is a translation into Brazilian Portuguese of the essay “Inventing sex work” (1997) by North American activist Carol Leigh/Scarlot Harlot, composed from its English version and the Spanish translation, “La invención del trabajo sexual” (2016), by Cecilia Varela (CONICET/UBA) and Santiago Morcillo (CONICET/UNSJ). In the text Harlot narrates in first person her process of formation as a feminist activist in the 1970s and 1980s in various groups, noting the stigmatization with which prostitutes were treated in these environments. Her concern, added to her own experiences as a prostitute and the need to find new ways of naming the occupation, led her to coin the terms “sex work”, “sex worker” and “sex work industry” in her feminist interventions. Thus, this essay of great importance for the contemporary struggles of sex workers is retrieved in tandem with a discussion of some aspects of the process in a translation note.

Keywords: Scarlot Harlot; sex work; prostitution; slutfeminism; feminist translation.

Resumen: La presente contribución es una traducción al portugués brasileño del ensayo “Inventing sex work” (1997) de la activista norteamericana Carol Leigh/Scarlot Harlot, compuesta a partir de su versión en inglés y de la traducción al castellano, “La invención del trabajo sexual” (2016), realizada por Cecilia Varela (CONICET/UBA) y Santiago Morcillo (CONICET/UNSJ). En el texto Harlot relata en primera persona su proceso de formación como militante feminista en las décadas de 1970 y 1980 en diversas agrupaciones, notando la estigmatización con la que se trataba a las prostitutas en estos espacios. Esta inquietud, sumada a sus propias experiencias como prostituta y la necesidad de encontrar nuevas maneras de nombrar la actividad laboral, la llevó a acuñar en sus intervenciones feministas los términos “trabajo sexual”, “trabajadora sexual” e “industria del trabajo sexual”. Se recupera este ensayo de gran importancia para las luchas contemporâneas de las trabajadoras sexuales, además de discutir en nota algunos aspectos del proceso de traducción.

Palabras clave: Scarlot Harlot; trabajo sexual; prostitución; putafeminismo; traducción feminista.

1 Tradução: Maria Barbara Florez Valdez. Tradutora e intérprete, Bacharela em Letras - Espanhol (UFSC), mestra em Estudos da Tradução pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (PGET/UFSC) e atualmente doutoranda pelo mesmo programa. No eixo de sua pesquisa de doutorado, traduz livros e artigos relacionados aos discursos feministas pró-sexo e à pós-pornografia. mariabarbaraflorez@gmail.com; Penélope Serafina Chaves Bruera. Formada em Letras, Artes e Mediação Cultural (UNILA), mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (PGET/UFSC). Participa como tradutora dos projetos Laboratório de Tradução da Unila e A escrita e o fora. serafinachaves@gmail.com. Revisão da tradução: Maria Barbara Florez Valdez.

2 Carol Leigh, vulgo Scarlot Harlot foi ativista, artista, cineasta e educadora. Harlot nos deixou em 2023. No memorial organizado por seus amigos é possível acessar registros de seu legado de mais de 40 anos de trabalho e militância. Disponível em: <https://carolleighmemorial.com/>.



Artigo licenciado sob forma de uma licença Creative Commons [Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/). (CC BY-NC 4.0)

Recebido em 23/02/2024

Aceito em 03/07/2024

EU INVENTEI O TRABALHO SEXUAL. Não a atividade, é claro. O termo. Essa invenção foi motivada pelo meu desejo de reconciliar meus objetivos feministas com a realidade da minha vida e das vidas de mulheres que conheci. Eu queria criar uma atmosfera de tolerância dentro e fora do movimento de mulheres para aquelas que trabalhavam na indústria do sexo.

Como um bebê de fraldas vermelhas, filha de ex-socialistas desencantados, fui criada entre histórias desencorajadoras sobre a falência dos conflitos políticos. O cinismo dos meus pais me desafiou. Afinal, por que não se inscrever a uma filosofia de esperança e de ideais? Eu seria uma rebelde otimista, uma artista, uma poeta, e viveria como uma encarnação da paz e do amor. Meus pais falaram para vestir um sutiã... e deixar de ser tão ingênua.

Meu desenvolvimento político foi paralelo ao de muitas das feministas da “terceira onda”. Nos anos 70, percebi que os políticos que eu admirava eram hipócritas que invocavam consciência e igualdade, mas me tratavam “como uma garota”. Eles eram “machos porcos chauvinistas”. O feminismo foi uma revelação para mim. Aparentemente, minha mãe, suas amigas, minhas avós e tias tinham aceitado seu *status* de cidadãs de segunda classe. Mas esse era o novo mundo moderno, cheio de utopias para a mudança social.

No começo dos anos 70, li autoras feministas, começando por Betty Friedan, Germaine Greer, Kate Millet, Phyllis Chesler e Ti-Grace Atkinson, que me ajudaram a entender como meu poder estava bloqueado pela “opressão internalizada”. A misoginia ecoava na minha religião quando meus parentes homens rezavam em hebraico agradecendo a “Deus” por não os ter feito mulheres. Onde estavam as grandes artistas e líderes mulheres? Antes tímida e hesitante, me tornei orgulhosa de mim mesma, e esse orgulho era minha fonte de inspiração e poder.

O feminismo não seria fadado às mesmas debilidades que destruíram o sonho socialista dos meus pais. Eu recordei relatos de como seus camaradas defenderam Stalin, e sobre os conflitos internos autodestrutivos entre a esquerda sectária – os trotskistas contra os leninistas contra os marxistas. As mulheres eram diferentes dos homens, mais acolhedoras e zelosas. Se nós mulheres pudéssemos participar plenamente no mundo, poderíamos ver o final da pobreza e da guerra. Talvez o patriarcado fosse a raiz da hierarquia e da opressão. Talvez o feminismo pudesse nos guiar pelo caminho da igualdade e da paz. Por meio do meu ativismo antiguerra, desenvolvi o que eu considerava uma política “feminina” baseada na compaixão. Se nós mulheres tivéssemos mais poder, faríamos justiça no mundo.

Qual seria meu papel nesse movimento? Artística e filosófica, aspirei ao essencial. Comecei pela traição do meu gênero presente na linguagem: o masculino genérico editorial deixava as



mulheres no anonimato. Em *Language and women's place* [Linguagem e o lugar da mulher], Robin Lakoff explica como revisões linguísticas podem ser usadas como ferramentas ativistas pelas feministas. Como poeta e artesã das palavras, eu estava intrigada pelo potencial do ativismo linguístico para tirar as mulheres do anonimato e escrever orgulhosamente nossa nova *herstória*.³

Eu tinha uma forte sensação de ser ao mesmo tempo testemunha e participante do início de uma reinvenção da mulheridade. Desde o começo, no entanto, eu confrontei as contradições. A “nova mulher” poderia ser caminhoneira⁴ e intelectual. Ela poderia abarcar a realidade de todas as mulheres, *mas* não deveria ser tradicionalmente feminina. Embora tenha começado desdenhando da “feminilidade”, eu me perguntava: essa rejeição à “femme” não era muitas vezes uma tradução da condenação das mulheres?

Eu não era exatamente andrógina com minha poesia romântica, meu cabelo ruivo de farmácia, meu corpo voluptuoso e meu desejo “promíscuo” por homens. Seria mesmo possível um feminismo que respeitasse mulheres reais e ao mesmo tempo buscasse ampliar suas possibilidades? Nessa esquina do patriarcado, onde lutávamos por migalhas de autodeterminação, a hostilidade horizontal era a regra. Percebi que as mulheres não eram tão “legais”, afinal. Tentei ocultar minhas preferências sexuais, cortei o cabelo e parei de escrever poemas para Sara Teasdale.

Nos anos 70, estudei escrita criativa na Universidade de Boston. Depois de me formar, em meados dos anos 70, fundei uma oficina de escrita de mulheres, a Hampshire Street Women's Poetry and Fiction Cooperative [Hampshire Street Cooperativa de Poesia e Ficção de Mulheres]. Nosso grupo se dedicava a “melhorar a imagem das mulheres”, reinventando a linguagem e as próprias mulheres. Os princípios feministas que desenvolvemos centralizavam-se na busca pelas nossas próprias vozes e conseqüentemente nosso poder no planeta. *A verdade sobre as mulheres estaria baseada mais na realidade das nossas vidas do que nos estereótipos patriarcais.*

As relações internas do nosso grupo de mulheres escritoras foram o pano de fundo para muitas das minhas crenças sobre o que agora é conhecido por trabalho sexual. Ali eu conheci minha primeira mentora feminista, Marcia Womongold, quem escreveu *Pornography: license to kill* [Pornografia: licença para matar]. Marcia me apresentou o trabalho de Merlin Stone sobre deusas mitológicas, *Ancient mirrors of womanhood* [Espelhos ancestrais da mulheridade]. Eu admirava o posicionamento combativo de Marcia e seu criticismo desinibido e enciumado sobre o privilégio masculino. Ainda assim, eu admirei o feminismo feroz de minha mentora Hinda Paquette, uma *stripper* poeta do nosso grupo de escrita, que reclamou que a postura antipornô de

3 [N.d.T.]: Do inglês *herstory*, um jogo de palavras usado na escrita feminista em inglês que significa “a história dela(s)”.

4 [N.d.T.]: *Butch* no texto de partida.



Marcia era julgadora e condescendente.

Eu estava interessada nessa dicotomia – e em seu caso quase-tórrido. Discuti meus questionamentos sobre o feminismo e a indústria do sexo com minhas amigas, mas a maioria tinha pouco a dizer. Finalmente, Celeste Newbrough, admirada feminista mais antiga, poeta e ativista lésbica, me confidenciou que ela fazia uns programas quando precisava de dinheiro. Eu fiquei chocada e intrigada.

Em meados dos anos 70, eu fiz o *tour* do Women Against Pornography pelas lojas pornô de Boston. Lembro de uma moça exaltada pegando revistas de mulheres nuas nas livrarias e esbravejando contra as imagens. Sua perspectiva me lembrou das vezes em que eu tinha sido chamada de “vagabunda” e da vergonha que senti por ser feminina. Me senti protetora das minhas irmãs peladas – o que agora chamamos de “identificação com as putas”.

Percebi que as perspectivas das feministas antipornô não combinavam com minhas próprias crenças. Ser castigada por ser puta era parte da opressão patriarcal que condenava minhas inclinações sexuais. A ideologia antipornô ecoava essa condenação. No entanto, eu não queria escolher um lado. As mulheres nas revistas pornô faziam eu me sentir exposta e enciumada. Desejava uma análise que incorporasse minhas necessidades contraditórias: ser livre da vergonha sexual e também criticar e mudar o imaginário sexual da nossa cultura. Eu teria que ir além.

Por volta de 1978 eu já estava farta da atmosfera mesquinha e repressiva de Boston. Minha camiseta dizia “New England is for Masochists” [Nova Inglaterra é para Masoquistas]. Eu queria estímulos, aventura e inspiração para minha poesia. Mudei para São Francisco e de repente me encontrei muito sozinha. Meu amante, que tinha se mudado comigo de Boston, terminou comigo. Minha autoestima estava mais baixa do que nunca. Comecei a trabalhar como garçomete, mas não ganhava o suficiente para pagar as contas que tinha acumulado com a mudança. Meu chefe começou a dar em cima de mim. Sem amigos nem dinheiro, me senti desesperada. Também tinha fantasiado com ser prostituta, mas nunca considerei exercer de fato. Eu vi as placas nas ruas: “Sexo! Massagens! Garotas!”. Marcia Womongold não aprovaria, mas ela estava a 5 mil quilômetros. Por que não? Afinal de contas, Gloria Steinem tinha trabalhado como coelhinha da *Playboy* e escrito sobre isso. Ernest Hemingway tinha ido à guerra e escrito sobre isso. Em sua *Amazon odyssey* [Odisseia de uma amazona], Ti-Grace Atkinson tinha retratado prostitutas como lutadoras de rua nas linhas de frente da batalha dos sexos. Talvez eu pudesse trabalhar como prostituta. Pelo menos poderia tentar... só tentar.

Peguei um trabalho numa casa de massagens. Fiquei fascinada desde o primeiro dia. Entrei na casa e fui contratada imediatamente. Dizem que quando se cruza a linha de chegada não há



como retroceder, seria eu então uma mulher permanentemente marcada pelo sexo? Cheirava a propaganda patriarcal. Aceitei o desafio. Meu primeiro cliente era *habitué* da casa, bonito, rápido e doce. Ele pediu uma “espanhola”... Eu não sabia o que era isso, mas acho que adivinhei. Eu estava empolgadíssima por ter faturado esses 35 dólares tão rápido.

Assim como o feminismo tinha sido uma revelação para mim, também foram as políticas da prostituição. A realidade do meu cotidiano de prostituta mostrou um contraste chocante em relação às minhas suposições prévias. Sempre fui de correr riscos (peguei carona de Nova York ao Canadá), de modo que o perigo não me era estranho. Estava entusiasmada e intrigada de estar nesse ambiente, trabalhando com mulheres do mundo todo que eram surpreendentemente fortes e inteligentes.

Com o passar do tempo desenvolvi uma amizade com as mulheres, ampliando minha consciência social para além do meu *status* de garota universitária classe média. A análise feminista que colocava a prostituição como o estado último da opressão das mulheres não encaixava com as atitudes e com a força expressada pelas diversas mulheres que conheci. Minhas relações com essas e outras mulheres que conheci nesse âmbito de trabalho formaram a base da análise política que tenho desenvolvido no decorrer dos últimos 18 anos.

Minha própria experiência era o oposto do que me disseram que seria. O sexo na minha vida privada se tornou muito empolgante. O sexo com os clientes às vezes era chato, às vezes interessante. Mas eu já tinha aprendido minha lição como feminista e não me envergonharia desse “trabalho de mulher”. Na verdade, eu estava orgulhosa – orgulhosa de ter quebrado esse tabu, e orgulhosa de não estar envergonhada. Familiarizada com as dinâmicas da vergonha sexual, eu sabia como resistir à sua tirania.

Examinei minha ética feminista sob a luz da descoberta dessa nova ocupação. Por um lado, o feminismo me ensinou a resistir à sexualização da minha persona, então eu cortei meu cabelo, deixei de usar batom e renunciei à “femme”. A contradição sempre foi evidente para mim. Supostamente, eu estava abraçando minha mulheridade, mas censurando toda expressão cultural da “feminilidade”, desde o comportamento, a profissão e até o guarda-roupas. Mas a serpente tinha erguido a cabeça e me oferecido o fruto proibido – um mito patriarcal que faz de mim, mulher sexual, a responsável pelo pecado original e por todo sofrimento do mundo. Eu precisava contribuir para o desenvolvimento de uma política feminista que ajudasse minhas amigas e eu mesma a navegar essas contradições.

Por que é que existia tão pouca informação nos círculos feministas sobre prostituição e pornografia do ponto de vista das mulheres dos filmes, das revistas e de pessoas como minha amiga



Celeste? Muitas lésbicas tinham se “assumido” como lésbicas, mas onde estavam as prostitutas nessa nova mulher que estávamos inventando? Ela era degradada e objetificada novamente pela retórica feminista, e ela não existia nas comunidades feministas como uma pessoa real.

Eu tinha trabalhado durante anos com mulheres para melhorar a imagem das mulheres, invocando deusas e inventando guerreiras em nossa prosa. Prostitutas, pensei. Está aí uma imagem que precisa ser melhorada. Quando me olhei pela primeira vez no espelho e disse: “Aqui tem uma prostituta”, eu soube que a redefinição da prostituição pela perspectiva das prostitutas seria o trabalho da minha vida.

Embora várias mulheres artistas ao longo da história tenham posado nuas e trabalhado na prostituição para se sustentarem, existem poucos registros delas que não sejam da perspectiva masculina dos artistas que as retrataram. As mulheres foram silenciadas e censuradas com sucesso – quando não por outros, pela sua própria vergonha imobilizante. Mas dali para frente, seria diferente.

Comecei a frequentar eventos com um saco de papel na cabeça que dizia: “ESTE SACO DE PAPEL SIMBOLIZA O ANONIMATO QUE AS PROSTITUTAS SÃO FORÇADAS A ADOPTAR”. Em um desses eventos conheci Priscilla Alexander, e imediatamente comecei a trabalhar com a COYOTE⁵. Passei bastante tempo desenvolvendo ideias em conjunto com outras prostitutas que ia conhecendo nas casas de massagem; por meio da COYOTE; nos grupos de apoio a trabalhadoras sexuais como o New Bohemian Prostitutes Club, também chamado COW [VACA] (Can of Worms) [Lata de lombrigas]; e com mulheres como Lilith Lash, quem conheci na cena da poesia de São Francisco. Mais uma vez me senti testemunha e ao mesmo tempo participante do nascimento de uma nova visão. As revelações não paravam de chegar, principalmente a respeito de como meu papel de prostituta se relacionava com o papel das mulheres em geral, e sobre como o estigma e a vergonha atribuídos às prostitutas impediam que outras mulheres entendessem melhor esses papéis.

Ficou claro para mim que, como muitas outras mulheres, eu fui ensinada a trocar sexualidade por sobrevivência ou por algum tipo de vantagem social (por exemplo, um bom marido ou namorado). Como resultado da combinação entre o estigma da puta, o treinamento para trocar sexo por segurança ou subsistência e, ainda, o medo do estupro (cuja incidência supostamente aumentava se você fosse promíscua), as mulheres frequentemente se encontram num estado de

5 [N. d. T.]: Call Off Your Old Tired Ethics [Abaixo Sua Ética Velha e Ultrapassada] é uma organização de prostitutas fundada em São Francisco em 1973 por Margo St. James. Desde então promovem e lutam pelos direitos das trabalhadoras do sexo, contra o preconceito contra as prostitutas e para garantir o acesso à saúde pública e a métodos contraceptivos. Nos anos 1970 divulgavam suas ideias no jornal *COYOTE Howls* “the loose women ‘s publication” [Uivo de Coiote, a “publicação da mulher fácil”].



paralisia. As mulheres não podiam reconhecer esse “estado de prostituição” em que viviam porque nós nunca podemos admitir que somos putas. Parecia impossível desfazer esse nó sem reconhecer que todas éramos, de alguma forma, parte da prostituição – tanto as “boas mulheres” (as namoradas e as esposas) quanto as “mulheres ruins” (as putas e as sapatonas).

Minhas prioridades se alinharam com o objetivo de acabar com essas divisões entre as mulheres baseadas nos contratos que tínhamos com os homens por propósitos de sobrevivência. Essa busca por uma coletividade foi só o começo, um direcionamento, não uma análise compreensiva das relações sexuais. De fato, mais do que desenvolver uma “análise compreensiva” baseada nos pressupostos da classe média (que usualmente fundamentava o feminismo que eu conhecia), eu queria começar a apoiar mulheres de todas as trajetórias de vida para criar estratégias de mudança com embasamento em nossas experiências diversas. Em outras palavras, eu queria criar um espaço no feminismo no qual inclusive as mulheres ruins pudessem dizer a verdade sobre suas vidas e então começar a analisar e planejar a partir disso.

Mas como as mulheres que trabalhavam como prostitutas e modelos pornográficas poderiam contar a verdade sobre suas vidas no ambiente hostil do movimento de mulheres? As palavras utilizadas para nos definir contêm uma história de séculos de depreciação. Algumas feministas nos dirigiam insultos como piranha, usavam disso e da censura da pornografia⁶ como armas contra o tráfico sexual contemporâneo. Como poderíamos ter orgulho e lutar pela autorrepresentação e a autodeterminação? Ainda teria que aguardar mais um século para tomar seu lugar na família das mulheres?

Quais palavras poderíamos usar para nos descrevermos? A palavra “prostituta” estava maculada, para dizer o mínimo. De fato, “prostituta” não é mais que um eufemismo, assim como dama da noite, mulher da rua, mulher de vida fácil etc. “Prostituta” não se refere ao negócio de vender serviços sexuais – simplesmente significa “oferecer publicamente”. O eufemismo mascara nossa “vergonhosa” atividade. Algumas prostitutas não usam o termo para se descreverem, pois querem separá-lo de conotações negativas (que comprometeriam a si mesmas). Em contextos políticos, eu me refiro a mim mesma como prostituta para imbuir essa palavra de certo orgulho, apesar de que raramente a usávamos para nos referirmos a nós mesmas. Preferíamos o termo “garotas trabalhadoras”. Mas o termo definitivamente chocava com minha formação linguística feminista. Nós precisávamos de um termo novo.

6 Por exemplo, na legislação antipornô Dworkin-MacKinnon, essas imagens eram chamadas de “degradantes”, pois supostamente ilustravam a mulher como uma “puta por natureza”. O termo “pornografia”, naquele momento, estava sendo usado como uma arma contra as mulheres, marginalizando-nos e excluindo-nos dos círculos feministas legitimados. A raiz da palavra vem de *porne*, palavra grega para “prostituição”. No entanto, para as feministas antipornô, “pornografia” sempre significou imagens degradantes de mulheres.



Em 1979 ou 1980, participei de uma conferência em São Francisco organizada pela Women Against Violence in Pornography and Media. Eu pretendia atuar como uma espécie de embaixadora do grupo, educando as feministas sobre prostituição. Planejei me identificar como prostituta, o que era quase inédito na época dado o contexto público e político.

Encontrei a sala da oficina da conferência sobre prostituição. Assim que entrei, vi um bloco de papel com o título da oficina, que exibia a frase: “Indústria de Uso Sexual”. As palavras repercutiram e me envergonharam. Como eu poderia me sentar entre outras mulheres em igualdade política quando estava sendo objetificada dessa forma, descrita apenas como uma coisa a ser usada, ofuscada em meu papel de agente e personagem ativa nessa transação?

Quando a oficina começou, sugeri que mudassem o nome para “Indústria do Trabalho Sexual”, isso descreveria o que as *mulheres* faziam. Geralmente, os homens usavam os serviços, e as mulheres os forneciam. Que eu me lembre, ninguém levantou objeções. Continuei explicando o quão crucial era criar um discurso sobre as transações sexuais que fosse inclusivo para com as mulheres que trabalhavam nisso.

Expliquei que as prostitutas frequentemente não conseguiam se apresentar em contextos feministas porque se sentiam julgadas pelas próprias feministas. As participantes da oficina estavam caladas e curiosas. No final, eu senti que tinha conseguido expressar meu ponto. Uma mulher, também escritora e performer, veio falar comigo quando a oficina terminou para contar que tinha sido prostituta na adolescência, mas não conseguia tocar no assunto por medo de ser condenada.

O termo “trabalhadora sexual” reverberou em mim. O usei no meu monólogo⁷ *As aventuras de Scarlot Harlot*, também intitulado *A desmitificação da indústria do trabalho sexual*, que venho apresentando desde 1980. Inclusive, apresentei no Festival Nacional de Teatro de Mulheres em Santa Cruz, no ano de 1983. “Trabalhadoras sexuais, uni-vos!” diz Scarlot. “Sexo é tão sujo quanto o poder e o dinheiro. E puta significa astuta!”.

Também estava ciente do humor no termo, até porque o sexo é engraçado, e obter respeito para as prostitutas é, infelizmente, muitas vezes visto como uma piada. Quando Scarlot tentou “sair do armário” para a mãe, ela disse: “A verdade é que sou trabalhadora sexual, mãe”. Então a mãe responde: “O quê? Você tá trabalhando numa fábrica de dildos?”.

Criado no contexto do movimento feminista, na conjuntura de visões polarizadas sobre a prostituição, o termo “trabalhadora do sexo” é uma contribuição feminista à linguagem. O conceito de trabalho sexual une as mulheres da indústria – prostitutas, atrizes pornô e dançarinas – que

7 [N.d.T.]: No texto de partida constava o termo “one-woman play”, que vem de uma prática teatral feminista. O sentido poderia traduzir-se literalmente por “peça de uma mulher só”.



são levadas tanto por necessidades legais quanto sociais a não dividir o espaço em comum com mulheres de outras facetas do negócio.

Desde a publicação de *Sex work* [Trabalho sexual] em 1987, o termo tem sido utilizado amplamente. Internacionalmente, “trabalho sexual” e “trabalhadora do sexo” têm sido adotados por instituições de saúde do mundo todo, assim como pela Organização Mundial da Saúde (OMS). É usado pelo movimento de ativistas da AIDS e pelo movimento de redução de danos⁸. O termo foi traduzido literalmente em diversas línguas.

Essa utilização do termo “trabalho sexual” marca o começo de um movimento. Ele reconhece o trabalho que desempenhamos em vez de nos definir por nosso *status*. Depois de muitos anos de ativismo como prostituta, lutando contra o crescente estigma e o ostracismo do movimento feminista hegemônico, penso no termo “trabalho sexual” e lembro do quão poderosa me senti quando, finalmente, tive uma palavra – que não é um eufemismo – para definir esse trabalho. O “trabalho sexual” não é uma vergonha, e eu também não.

Traduzido de

VARELA, Cecilia; MORCILLO, Santiago. Trabajo sexual y feminismo, una filiación borrada: traducción de “inventing sex work” de Carol Leigh (alias Scarlot Harlot). *La ventana*, Guadalajara, v. 5, n. 44, p. 7-23, 2016. Disponível em: http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_art-text&pid=S1405-94362016000200007&lng=es&nrm=iso. Acesso em: 20 nov. 2023.

Referência

LEIGH, Carol (Scarlot Harlot). Inventing sex work. In: NAGLE, Jill. *Whores and other feminists*. Routledge: New York, 1997. p. 447 - 460.

⁸ O movimento de redução de danos se opõe ao modelo atual de abstinência ou de criminalização para lidar com o consumo de substâncias e com outras atividades ilícitas. A filosofia de redução de danos se desenvolveu a partir de provedores de serviços de assistência à AIDS, que frsaram a importância de ajudar na gestão da saúde e do bem-estar dos usuários e de outras pessoas criminalizadas.



Traduzindo o trabalho sexual

Maria Barbara Florez Valdez
Penélope Serafina Chaves Bruera

“Inventing sex work” foi publicado pela primeira na antologia *Whores and other feminists* (1997) [Putas e outras feministas], organizada pela pesquisadora Jill Nagle. Embora o texto tenha sido publicado no final dos anos 1990, a autora já tinha cunhado o termo “sex work” no final da década de 1970 e, desde então, também utilizava em suas palestras os termos “sex worker” e “sex work industry”.

Notamos a ausência de traduções dos textos de Scarlot Harlot no Brasil e buscamos fazer o gesto de contribuir para a circulação desse texto tão potente e fundamental em territórios de militância local. Da mesma forma, assim o perceberam a tradutora e o tradutor argentinos de “Inventing sex work” ao castelhano, Cecilia Varela e Santiago Morcillo, como explicitam em seu prefácio à tradução⁹. Vale apontar aqui que a iniciativa política de traduzir textos escritos em primeira pessoa por trabalhadoras sexuais já acontece no Brasil há alguns anos por meio do portal Mundo Invisível¹⁰.

Assim, elaboramos o projeto através de uma perspectiva política colaborativa. Nosso intuito era o de que o material se tornasse de fácil acesso ao público de interesse. No entanto, os direitos autorais do texto de Harlot pertencem ao grupo editorial Taylor & Francis e, por sua vez, a editora acadêmica Routledge – que publicou *Whores and other feminists* (1997) – coloca uma série de barreiras burocráticas e inclusive financeiras para fornecer os direitos de tradução de suas publicações, o que nos deixava sem condições viáveis de realizar o projeto.

Diante disso e como uma forma de tecer redes de resistência, resolvemos buscar junto à tradutora e ao tradutor do castelhano e à revista *La ventana*, que publicou “La invención del trabajo sexual”, a autorização para uma tradução em português partindo desse texto. Não por isso se tratou de uma “tradução da tradução”, mas de um movimento de traduzir em diálogo. Trabalhamos com as duas versões em tabela: em uma coluna, o texto de partida em inglês e, ao lado, a tradução ao castelhano, de modo que consultamos ambos os textos simultaneamente para compor nossa tradução ao português. Essa metodologia, em nossa experiência, enriqueceu ainda mais o processo de tradução.

Passaremos agora a comentar alguns aspectos específicos do processo de traduzir o trabalho

9 Disponível em: https://www.scielo.org.mx/scielo.php?pid=S1405-94362016000200007&script=sci_abstract.

10 Mundo Invisível é um projeto de mídia livre que está no ar desde junho de 2012, dedicado à defesa dos direitos e dos interesses de uma das categorias de pessoas mais oprimidas e estigmatizadas do mundo: a das trabalhadoras sexuais cis e transgênero. Disponível em: <https://mundoinvisible.org/>.



sexual: a particularidade de renomear termos localizados que se referem a determinadas práticas sexuais; os desafios de traduzir categorias do trabalho sexual que muitas vezes só são reconhecidos entre as próprias trabalhadoras – quando, em contrapartida, existem de sobra insultos que se referem a essa profissão –; e, ainda, a questão de traduzir conceitos e desdobramentos relacionados à categoria mulher, tema espinhoso nos debates feministas há várias décadas.

Na narrativa do primeiro programa que a autora fez, há a menção de uma prática sexual coloquialmente chamada, em inglês, de “french”, que refere ao sexo oral. Para confirmar a informação, foi necessário recorrer ao dicionário especializado *Sex Lexis*¹¹. Nesse caso, uma tradução literal não funcionaria. Então optamos por utilizar um termo coloquial que também fizesse alusão a uma nacionalidade e que funcionasse no português brasileiro. Traduzimos como “espanhola”, mas acabamos por mudar a prática sexual evocada no texto, uma vez que o termo, no Brasil, se refere à masturbação do pênis com os seios. Algo a se refletir é por que em diversas línguas existe o costume de nomear coloquialmente práticas sexuais por meio de certas nacionalidades em feminino: francesa, turca, espanhola...

Também nos deparamos com a questão de traduzir *slut* e *whore*. Para isso, utilizamos principalmente a palavra “puta” por todo o seu potencial político, mas agregamos alguns termos próprios da cultura brasileira, como, por exemplo, “piranha” e “vagabunda”. Ainda nesse sentido, há um trecho onde Harlot enumera alguns eufemismos para nomear as trabalhadoras do sexo, sendo estes: “lady of the night”, “hooker”, “filles de joie”. Cecília e Santiago escolheram, em castelhano, “mujer de la noche”, “trotacalles”, “mujer de vida alegre”, e nós optamos, em português, por “dama da noite”, “mulher da rua”, “mulher de vida fácil”.

Outra das questões que debatemos no processo de tradução diz respeito ao masculino genérico, que inclusive é constantemente questionado por Harlot ao longo do texto. A autora coloca diversas marcas de gênero propositalmente em feminino, como o conceito de *herstory*, que se trata de um trocadilho com o pronome *her* (dela) e *history* (história) – palavra que coincidentemente, ou não, começa com *his* (dele) –, para se referir, portanto, à história delas. Assim, arriscamos a tradução criativa “*herstória*” para não perder o jogo de palavras. Por outro lado, o inglês habilita uma neutralidade de gênero nos substantivos que não é tão presente em português, de modo que, em alguns trechos, tivemos que tomar a decisão de flexioná-los em feminino ou masculino de acordo com cada contexto.

Também consideramos importante marcar, na tradução, o conflito que Harlot aponta entre uma performatividade tradicionalmente feminina e o que se entende pela categoria mulher. Isso

11 Disponível em: <https://www.sex-lexis.com/Sex-Dictionary/French>.



aparece, por exemplo, quando a autora usa, em contraposição a *femininity* [feminilidade], os termos “womanhood” e “woman-ness”, que em português acabamos traduzindo, em ambos os casos, por “mulheridade”, perdendo essa diferença – ainda que sutil – entre os termos do inglês.

Por fim, esperamos que nossa tradução possa contribuir em prol da desmistificação do trabalho sexual e do estigma social da puta, convidando para um aprofundamento dos debates feministas em torno do assunto. A tradução de textos, como o de Harlot, escritos em primeira pessoa, ou seja, a partir de suas próprias vivências como trabalhadoras do sexo, é urgente para combatermos o silenciamento sistemático de suas vozes. Acreditamos nesse projeto como mais uma ferramenta para ampliar discussões estagnadas e continuar criando redes de solidariedade. Viva o putafeminismo!

Referências

LEIGH, Carol (Scarlot Harlot). Inventing sex work. In: NAGLE, Jill. *Whores and other feminists*. Routledge: New York, 1997. p. 447 - 460.

VARELA, Cecilia; MORCILLO, Santiago. Trabajo sexual y feminismo, una filiación borrada: traducción de “inventing sex work” de Carol Leigh (alias Scarlot Harlot). *La ventana*, Guadalajara, v. 5, n. 44, p. 7-23, 2016. Disponível em: http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1405-94362016000200007&lng=es&nrm=iso. Acesso em: 20 nov. 2023.

